
MENDES, Odorico. *Eneida*. São Paulo: Ateliê Editorial-Editora da UNICAMP, 2005.

A Ateliê Editorial tem prestado um serviço inestimável para a divulgação de tradução de poesia; sua coleção Clássicos Comentados, sobretudo, apresenta, em edições muito bem cuidadas, sob todos os aspectos, clássicos da poesia universal em tradução anotada e comentada, precedida de estudo introdutório. É nessa coleção, dirigida por Ivan Teixeira, que foi lançada em 2005 a tradução da *Eneida* de Odorico Mendes anotada por Luiz Alberto Machado Cabral, em co-edição com a Editora da UNICAMP.

A iniciativa merece ser exaltada: Odorico Mendes é um tradutor cujo texto precisa ser acompanhado de notas explicativas para que o leitor não especialista possa fruir de um dos projetos de tradução de poesia mais interessantes que o Brasil já conheceu, realizado por um tradutor que Haroldo de costumava mencionar como uma espécie de predecessor de seu próprio projeto de “transcrição”, que propõe, em face da “tese da impossibilidade em princípio da tradução de textos criativos” (“Da tradução como criação e como crítica” in: *Metalinguagem & outras metas*. 4ª.ed., São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 34), a tradução criativa, a recriação desses textos. Texto de partida e de chegada estão, nesse projeto, associados por

uma “relação de isomorfia”: “serão diferentes enquanto linguagem, mas... cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema”. Tal, em síntese, a proposta: “a tradução de textos criativos será sempre *recriação*...” (p. 35).

Odorico Mendes rejeita a facilidade da paráfrase prosaica e, denominando seu projeto “tradução *poética*”, produz um texto que procura recriar em português efeitos de som, ritmo e sintaxe do original latino, oferecendo homologias mesmo para aqueles aspectos geralmente considerados intraduzíveis, como o efeito vagaroso conferido por um verso quase todo espondeíaco, o desenho sintático icônico da frase, etc. Por outro lado, escreve um português sintético, enxuto, vazado numa sintaxe muitas vezes especiosa, que, em associação com o léxico muitas vezes difícil, raro ou arcaizante, contribui para tornar sua tradução de acesso não fácil, embora seja uma injustiça cabal tachá-lo de “ilegível”, como já se fez.

A edição da Ateliê é primorosa do ponto de vista editorial e tem uma anotação cuidadosa. O texto adotado é o da primeira edição da tradução, ou seja, a que foi estampada em 1858 sob o título de *Eneida Brasileira*, e não o texto da segunda edição, de 1864, publicado no *Virgílio Brasileiro*, que trazia, além da tradução revista por Odorico, o texto latino adotado.

A nosso ver, várias são as qualidades da edição do ponto de vista aca-

dêmico: primeiramente, ao contrário do que ocorre em certas reedições da *Eneida* (a publicada pela Palas Atena, por exemplo, copiada recentemente, com todos os seus erros crassos, pela Martim Claret), o texto foi cuidadosamente revisto, e os reparos a fazer a esse respeito são poucos. Em segundo lugar, reproduzem-se (ao contrário das outras edições citadas) as notas de Odorico (coerentemente, as da primeira edição, não as da segunda, que são aquelas mesmas notas mas reformuladas em alguns passos). Em terceiro lugar, é precedida por um estudo substancioso da *Eneida*, de autoria do professor Antonio Medina, um dos pioneiros, ao lado de Haroldo de Campos e Francisco Achcar, na reapreciação crítica positiva da obra tradutória de Odorico Mendes, acentuada nos últimos anos. Finalmente, e sobretudo, traz notas de rodapé em grande número, que esclarecem o texto de Odorico, além de um útil glossário de nomes próprios e, como anexo, mapas e uma árvore genealógica.

Há alguns senões, porém, naturais em tarefa tão grandiosa e penosa (como nossa experiência pessoal com a anotação de Odorico Mendes nos tem mostrado de sobejo...). Sabemos do desafio que é se propor anotar o texto de Odorico de forma a que o leitor não especialista possa compreendê-lo. As notas e comentários se multiplicam. A nosso ver, apesar da riqueza da anotação, esta edição ainda se ressentida

falta de notas, se o objetivo for mesmo aparar as arestas do texto para o leitor comum. A título de ilustração, um pequeno exemplo (livro VII, versos 5-15, p. 165):

O pio aluno, exéquias celebradas,
Túmulo erguido, assim que os
mares jazem,
A velejar prossegue e o porto lar-
ga.
Auras à noite aspiram, nem seu
curso
Cândida a Lua nega; o ponto
esplende
Ao trêmulo clarão. Circéias terras
Costeiam-se, onde lucos inacess-
sos
Com aturado canto a rica filha
Do Sol atroa, e nos soberbos tetos
Odoro cedro em luz noturna quei-
ma,
Corre com pente arguto as finas
teias.

Há esclarecimento, aqui, em nota de rodapé, para “aturado” e “filha do Sol”. Mas uma leitura superficial do trecho mostra que outros itens lexicais carecem de nota (o leitor compreenderá, por exemplo, “aluno” e “lucos inacessos?”).

Outra pequena ressalva diz respeito ao estabelecimento do texto. A grafia dos nomes próprios de origem grega por vezes não corresponde às intenções de Odorico, como neste verso (II, 82): *Tomar pode a Sinon fortuna escassa*. Na edição, o nome aparece grafado como

paroxítono, “Sínon”, desfazendo a cesura na sexta sílaba métrica do decassílabo heróico. Por mais estranha que pareça aos hábitos modernos, Odorico aportuguesa o nome como oxítone, assim como diz “Laocoon”, oxítone, e é dessa forma, aliás, que esse nome vem grafado, corretamente, nesta edição.

Alguns reparos quanto ao texto (atemo-nos ao *primeiro* livro):

1. No verso 52, falta um ponto de interrogação (*Não queimou Palas mesmo, submergindo-os/Só de um Ajax Oileu por culpa e fúrias?*).
 2. No verso 81, deve-se pôr vírgula em vez de ponto final.
 3. O verso 123 vem assim: “Três rouba Nota e avexa nus abrolhos”, ao passo que a edição de Odorico traz, claramente, “avexa n’uns abrolhos”.
 4. No verso 312, não se tem no original “Dentro do ímpio Furor”, mas “Dentro o ímpio Furor” (aliás, como está, o sentido é incompreensível).
 5. No final do verso 424, falta o ponto-e-vírgula.
 6. No verso 430, em vez de “conservarte”, leia-se “conversar-te”.
 7. No final do verso 681, deve haver vírgula, não ponto.
 8. No verso 787, deve-se colocar um ponto-e-vírgula em vez dos dois pontos da edição.
- Há que se corrigir, quando se reeditar a obra, alguns erros da “síntese” do poema que a introdução traz:
1. “Dido, a rainha, convida Enéias a um banquete em seu palácio (em cujos muros cenas da guerra troiana estavam desenhadas)” (p. 24). Na verdade, Enéias vê imagens da guerra de Tróia pintadas num templo consagrado a Juno, e não no palácio de Dido.
 2. “Vênus, porém, teme as traições cartaginesas, e vai então ela própria buscá-lo [ao filho de Enéias], e, encontrando-o adormecido, faz que Amor ocupe o seu lugar junto à rainha” (p. 25). Mais precisamente, o texto diz que a própria Vênus fizera Ascânio adormecer.
 3. “Um ano após a morte de Anquises, Enéias chega a Arice (IV)”... “Arice” está por “Érice”, mas não se entende o numeral romano, pois se trata do *quinto*, não do *quarto* canto.
 4. “Enéias funda Acesta, onde deixará os inválidos e as mulheres. Um ele escolhe entre os melhores e adentra nas regiões itálicas”. A última frase não encontra apoio algum no poema!
 5. “O desembarque foi em Cumas (V)”. De novo, um número estranho: o desembarque em Cumas é mencionado no canto VI.
 6. “Em atenção a Tiberino, o deus do rio, Enéias vai pelo Tibre até Palantéia,

uma aldeia de pescadores”... Na verdade, o árcade Evandro é o soberano de uma cidade, germe da futura Roma, não de uma suposta aldeia de pescadores.

8. “O corpo de Palante, cumulado de flores, é levado ao pai, Evandro”. Enéias concede ao cadáver de Palante várias honrarias, mas não se fala em flores; o corpo exangue do jovem, porém, é comparado a uma flor colhida e languesciente.

9, “Para evitar mais sangue, Turno se oferece a um combate com Enéias”... Esse resumo falseia o que de fato a narrativa conta sobre o papel do jovem rútilo nos acontecimentos que culminam com o embate entre Enéias e Turno.

Um outro pequeno reparo no texto da introdução:

A paz augustana garantia o fastígio da latinidade. (...) Ovídio, por não respeitar as leis (na *Arte de Amar*), foi exilado. T. Labienus teve escritos queimados, Cordus suicidou-se (p.23).

Por causa do contexto, o leitor não especialista julgará que o historiador Cordus se matou durante a época de Augusto, e não sob Tibério, como de fato ocorreu.

Alguns senões na anotação (só podemos aqui examinar o primeiro livro):

1. Na nota 16 ao livro I, p. 38, comentando o composto “belipotente”, diz-se: “O talento de Odorico Mendes para criar no vernáculo compostos equivalentes aos que, com tanta freqüência, ocorrem nas línguas grega e latina, nos leva a pensar nas famosas *palavras-valises* de Lewis Carroll”. Na verdade, o composto “belipotente” já aparece na tradução de João Franco Barreto (século XVII; livro XI, 2, 6); não foi, pois, criado por Odorico Mendes.

2. A palavra “déia” não recebe nota quando aparece pela primeira vez, em I, 16, mas só mais tarde, em I, 508, como se fosse sua primeira ocorrência.

3. No verso 787, temos “quejando Aquiles” e o pronome interrogativo arcaico é explicado assim: “*quejando*: que tem a mesma natureza ou qualidade, que tais (pronome indefinido)”. Mas no contexto o sentido é algo como “de que jaez (era), como (era Aquiles)”.

Haveria também pequenos reparos a fazer na reprodução das notas de Odorico.

No entanto, como dizíamos mais acima, a tarefa de editar o texto de Odorico Mendes acompanhado de notas explicativas é grandiosa e penosa; e os senões que apontamos são de pequena monta. Em resumo, bem pesados todos os aspectos da questão, temos uma edição da *Eneida* odoricana absolutamente recomendável, item indispensável não só para todos os classicistas

como também para os que apreciam as traduções de poesia que se propõem como textos literários, muito além da tradução preguiçosa, prosaica e banal (em suma, má literatura) que muitas vezes se produz a partir dos clássicos.

Por fim, assinalemos que coordenamos, no Departamento de Linguística do IEL/UNICAMP, um grupo de pesquisa dedicado a divulgar a obra tradutória de Odorico Mendes. Temos, no prelo, nossa própria edição da *Eneida* e a das *Bucólicas* odoricanas. No primeiro caso, uma equipe de professores e pós-graduandos da UNICAMP trabalhou durante anos para apresentar ao leitor não apenas um texto livre de erros e uma anotação em rodapé minuciosa como também um comentário detalhado, canto por canto, de passagens da tradução, com o objetivo de demonstrar como Odorico reproduz em português a poeticidade do original latino. Ao contrário da edição que acabamos de comentar, adotamos a segunda versão da tradução da *Eneida*. Sabemos também de um outro projeto de edição do

mesmo texto: o de Sebastião Duarte, que já editou (em 1995) o primeiro volume de seu *Virgílio Brasileiro* pela Editora da Universidade Federal do Maranhão, contendo as *Bucólicas* e as *Geórgicas* de Odorico Mendes. Cada projeto tem seus próprios objetivos específicos, métodos de trabalho e público-alvo.

Afastando definitivamente o fantasma de décadas de incompreensões e equívocos, esse florescimento notável de interesse pela obra de Odorico Mendes só pode por todos nós ser saudado como sinal de novos e bons tempos no campo dos estudos clássicos no Brasil.

PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS
Instituto de Estudos da Linguagem
UNICAMP